

Estudando, Refletindo e Praticando Educomunicação na Educação Formal

RAIJA ALMEIDA

O curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) inova em sua proposta em um bacharelado com a linha de formação em Educomunicação, vindo a ser a primeira graduação em educomunicação do país¹. Oferecendo uma formação humanística consolidada, criando condições para a realização de uma leitura crítica da mídia e de planejar e realizar, enquanto gestor, processos de mediação social, atuando desde a graduação em vários setores da sociedade.

Sou professora há mais de 15 anos e sou uma das fundadoras do curso de graduação de Comunicação Social da UFCG, criado em 2009 com o início da primeira turma em agosto de 2010. A nossa graduação tem uma linha de formação em Educomunicação, onde leciono disciplinas como Mídia e Infância - Comunicação em Espaços de Educação Formal - Linguagem Publicitária em Espaços Educativos, sempre na perspectiva da educação para os media.

Ao longo desses seis anos já foram produzidos mais de cinquenta Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's), centenas de projetos de intervenção ligados às disciplinas e aos estágios curriculares e diversos artigos publicados por alunos e professores em revistas e eventos acadêmicos nacionais e internacionais. Atualmente com cerca de trezentos alunos ativos e

1 Logo em seguida (2011) nasce a graduação em licenciatura em Educomunicação da Universidade de São Paulo (USP), que tinha, como sua base, o Núcleo de Comunicação e Educação (NCE), com mais de 10 anos de pesquisas na área de educomunicação.

regularmente matriculados nos turnos diurno e noturno e com vários egressos que já são alunos de mestrados, desenvolvendo pesquisas educacionais pelo país.

No curso, formamos um profissional de Comunicação Social com linha de formação em Educomunicação, capaz de lidar, dentre outras coisas, com a realidade do uso das tecnologias em sala de aula e/ou à distância e produzir mídias educativas, preparados para planejar e realizar a gestão de projetos educativos e culturais em contextos de educação formal ou não formal, em instituições públicas e/ou privadas e atuar diante da crescente ampliação de canais estatais, comunitários, e educativos de rádio e televisão e novas mídias.

Esta linha de formação gerou uma das reflexões que pretendemos desenvolver aqui neste trabalho, surgidas no âmbito da minha trajetória como pesquisadora e como professora do curso, a respeito do modo de apropriação das crianças e jovens às novas tecnologias e de como podemos aproveitar esses novos recursos para estimular o processo de ensino e aprendizagem, diminuindo as barreiras entre as gerações de pais, professores e alunos.

No âmbito da Educação Formal os alunos do nosso bacharelado passam no início do curso pela disciplina Comunicação nos Espaços da Educação Formal, ministrada por mim desde 2010. A disciplina tem como objetivo mapear e realizar intervenções educacionais explorando o potencial das linguagens da comunicação e das tecnologias no processo de aprendizagem. Ao longo dos anos a disciplina já proporcionou cerca de 200 projetos de intervenção educacional nas escolas da cidade de Campina Grande e região, envolvendo a linguagem radiofônica, audiovisual, de jogos e usos das tecnologias na educação formal.

Sabemos que o impacto das tecnologias de informação e comunicação é muito forte em todos os setores da sociedade, tornando-se cada vez mais necessário a observação e análise dos efeitos da mídia, principalmente no processo de socialização das crianças e jovens, categorias muito mais vulneráveis aos seus discursos. Sabemos também que os ambientes de aprendizagem vão muito além dos muros da escola, o conhecimento é construído dentro e fora do ambiente escolar e ao longo da vida e a indústria criativa investe cada vez mais no segmento infantil criando, produzindo e distribuindo bens simbólicos para um consumo cada vez mais voraz dos nativos digitais.

Acontece que as novas gerações consomem informação e tecnologia de um modo muito diferente da dos seus pais e professores, há uma diferença abismal entre elas. Hoje, devido a uma mudança profunda nas relações de poder, as pessoas já não precisam aprender a mesma coisa, mas a escola continua ensinando da mesma forma que há cem anos. Não

basta introduzir o uso das tecnologias, a escola tem de se adequar a esta nova sociedade e a esses novos alunos e prepara-los para a sociedade atual.

Os ambientes midiáticos digitais ampliam as possibilidades de apropriação dos media pela criança e a indústria criativa investe cada vez mais no segmento infanto-juvenil criando, produzindo e distribuindo bens simbólicos para um consumo cada vez mais vorás dos nativos digitais.

Mas, para diminuir esse abismo, percebemos que se faz necessário que haja um mediador do processo comunicativo e educativo, é necessário se construir políticas públicas para mediar as relações entre a tecnologia, a comunicação e a educação, para se conseguir assim uma construção de uma sociedade mais crítica, plural e criativa. É aqui que percebemos a importância da Educação para os media enquanto área de intervenção da Educomunicação gerando uma reflexão crítica a partir da linguagem dos media, onde a criança pode construir o próprio modo de compreender o mundo e construir seu conhecimento num processo de aprendizagem dentro e fora da escola através da mediação tecnológica potencializada e orientada por mediadores educacionais.

O campo da Educomunicação traz uma luz para compreender como se dá a relação entre a Comunicação e a Educação.

No Campo da Educação, Vygotsky, Freinet, Paulo Freire, nos dão uma base sólida para esse novo tecido em construção juntamente com novos teóricos e pensadores da educomunicação.

Este tecido tem muitos fios e teve como um dos seus principais tecelões um psicólogo russo chamado Vygotsky (1896-1931) que escreveu sua obra no antes, durante e depois da Revolução Russa de 1917. Marxista com pensamento crítico, era um grande questionador e antes de completar 40 anos, já tinha desenvolvido ideias e conceitos que influenciam até hoje a forma de se pensar a educação e a criança como ser crítico, dialógico e que desenvolve seu intelecto através das interações sócio-culturais. Fala sobre o processo ensino-aprendizagem de forma dialógica, com ênfase na mediação e na interação com o universo simbólico e cultural. Contemporâneo de Celestin Freinet e grande influenciador de Piaget, o pensamento de Vygotsky abre as possibilidades de se pensar a educação como processo através da vida dialogando com o mundo ao seu redor.

Em muitos pontos o pensamento de Freinet se alinha com o de Vygotsky, nas críticas à educação tradicional autoritária, ao processo de ensino-aprendizagem dialógico e conectado com o mundo, da importância da linguagem e da expressão comunicativa das crianças. Mas foi Freinet, que já em 1926, introduziu o jornal escolar como método de ensino para

envolver os alunos no processo de aprendizagem ligados ao social, ao cultural num ambiente de conhecimento multidisciplinar. Para aplicar sua metodologia inovadora fundou uma escola onde trabalhava com aulas de campo, cartas, jornal, trocas de experiência e trabalho colaborativo, atingindo resultados surpreendentes que chamaram a atenção e o interesse de muitos educadores.

Enquanto na França Freinet introduzia a imprensa escolar, as aulas de campo e a comunicação por cartas, no Brasil nascia em Pernambuco um menino chamado Paulo que revolucionaria pra sempre o pensamento da educação no século XX. Paulo Freire (1921-1997) ao contrário de Vygotsky, teve uma longa vida, mas assim como ele, sua contribuição à teoria dialética do conhecimento, enfatiza que a melhor maneira de refletir é pensar a prática e retornar a ela para transformá-la. Alinhado com o pensamento de Freinet e Vygotsky, para ele a conscientização, através da educação, forma a autonomia intelectual do cidadão para intervir sobre a realidade. Transformando a educação em um ato político e nem um pouco neutro. Sua vivência com a pobreza e a fome, durante a depressão de 1929, fizeram seu pensamento se voltar para a educação popular desenvolvendo um método de alfabetização revolucionário influenciando várias gerações de professores ao redor do mundo. Sua obra é extensa e profunda em transformação, sua influência sem fronteiras ou limites.

Dessa forma foram se alinhando, se alinhando os pensamentos que ajudaram a construção do tecido do campo da Educomunicação. A década de 70 e o pensamento de Paulo Freire foram elementos fundamentais para o seu surgimento e consolidação do campo.

O termo Educomunicação foi cunhado pelo uruguaio Mário Kaplún quando identifica uma práxis “educativa” de alguns agentes sociais que tramitavam na inter-relação dos campos da Educação e da Educomunicação, uma práxis “educadora”. Criado para designar atividades em torno do que se acostumou a denominar, na América Latina dos anos 70, como educação para a comunicação, leitura crítica dos meios ou, de forma mais aberta, comunicação educativa e educação comunicativa, a Educomunicação traz a necessidade de se trabalhar a linguagem dos meios na educação dentro e fora da escola e através da vida, num processo de interação e meio ambiente em que atua.

Seguindo esta trama, no México, Guilherme Orozco Gómez conheceu a obra de Paulo Freire, através do livro *Educação como prática da liberdade* (1967) em um curso que pretendia preparar um grupo de universitários no desafio de fazer uma alfabetização radiofônica de adultos, no norte do México. Com ênfase no conceito das múltiplas mediações junto com Jesús Martín-Barbero, Orozco intensificou o diálogo com a Educomunicação e passou a ser um dos seus port-vozes. Segundo ele, o campo da educomunicação transcende o proble-

ma da leitura crítica da mídia devendo ativar competências e capacidades para a produção de discursos por parte do receptor. Na interface entre comunicação e educação, revela um compromisso em colocar a escola como mediadora para a alfabetização midiática, educação para a mídia e para a emancipação cidadã².

Enquanto isso, na Colômbia, Jesús Martín Barbero propõe um processo de gestação do massivo a partir do popular. Colocando a comunicação como um espaço estratégico para se pensar as contradições e imposições da sociedade, deslocando o eixo do debate dos meios para as mediações, analisando as articulações entre as práticas de comunicação e os movimentos sociais, para a pluralidades cultural e diferentes temporalidades (MARTÍN-BARBERO, 2001, pág. 270). Barbero reflete sobre o conceito de ecossistemas comunicativos, ligados à vida cotidiana perpassando por diferentes linguagens, tecnologias e meios de comunicação. (2000).

Conectado a este tecido que está se formando estava também Néstor García Canclini, que da argentina pensava a cultura na américa latina, ele se tornou uma referência a partir do livro *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*, em 1990, com reflexões sobre a cultura pós-modernas e a cultura do consumo. Canclini pensa o consumo como um conjunto de práticas que produzem sentido e extrapolam a lógica da produção, refletindo a relação entre o consumo e a cidadania.

No Brasil, esta teia se completa com o pensamento de Ismar de Oliveira Soares, que se debruça a desvendar e definir o conceito de Educomunicação. Ele a vê como um campo interdisciplinar e interdiscursivo, abrangendo a educação para a comunicação, as mediações tecnológicas nos processos comunicativos, a expressão por meio das artes e a reflexão epistemológica sobre o campo. Compreendendo-a como um conjunto de ações que procuram integrar e fortalecer as pessoas que fazem parte de um ecossistema comunicativo (Soares, 1999, 2000, 2002).

Adilson Citelli traz seu foco para a educomunicação dentro dentro da educação formal, propondo alternativas para o uso das linguagens dos meios de comunicação de forma que o processo midiático ajude tanto no processo de ensino-aprendizagem como na formação cidadã dos sujeitos envolvidos de forma crítica e dialógica.

Através da teoria das mediações no espaço escolar poderemos chegar a uma educação escolar participativa e atenta ao lugar que a mídia ocupa em nosso contexto cultural contemporâneo. Ao trabalhar a leitura crítica da mídia na escola temos que indagar sobre as

2 Orozco. Gómez, Guillermo. Educação: recepção midiática, aprendizagem, cidadania. São Paulo: paulinas, 2014. P.11-17.

condições de produção, os códigos de produção, códigos de linguagem, questões ideológicas e aspectos de recepção. A escola como mediadora e espaço de leitura e recepção crítica é também um espaço de produção e endereçamento de respostas às mídias na construção de uma cidadania plena ainda durante a infância.

Sabemos que foram muitas as transformações sociais ocorridas nas últimas décadas em decorrência de toda a evolução tecnológica e digital. Sentimos este impacto em todo o nosso ecossistema e precisamos entendê-lo para buscar alternativas e ampliar o poder que dessa nova realidade digital. Que estas novas formas de consumo midiático possam convergir para ampliar o exercício da cidadania.

Dessa forma propomos analisar um novo tipo de mídia direcionada com grande potencial de uso na educação, e como os principais atores envolvidos, educador e educando se envolvem e se apropriam desta nova tecnologia e como percebem as possibilidades de aprenderem ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber.

O documentário *Do giz ao tablet* (Santo Caos, 2015) provoca uma reflexão sobre o novo papel da escola, sua conexão com o mundo, o acesso à informação e os novos paradigmas da tecnologia na educação. Onde o papel do professor se desloca para uma função de um provocador de perguntas, de questionamentos, curiosidades, pois para o aprendente toda a hora é hora de aprender, desde que elas tenham interesse no aprendizado.

Nesse contexto, a escola tem um papel muito importante na produção de conhecimento, ajudando a transformar a informação, editada e fragmentada, dos meios de comunicação em conhecimento e pensamento crítico.

Segundo Sara Pereira (2009, p.14), professora e pesquisadora do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho, existem 5 razões para justificar a abordagem dos media nas instituições de educação: O consumo de mídia; modos e contextos desta exposição, com as formas como as crianças atribuem sentido aos conteúdos, como interpretam, compreendem e usam; objetivos da educação da infância e orientações curriculares; articulação família/educação; aprendizagem centrada na criança e nas suas motivações; educar para a cidadania.

O lugar da mídia na vida cotidiana depende não apenas das características tecnológicas dos diferentes tipos de mídia, mas também dos processos sociais, econômicos e culturais de difusão e apropriação, de modo que fatores diversos fazem diferença para cada tipo de mídia, o que resulta em um padrão complexo de oportunidades e desigualdades com relação ao acesso e uso.

O consumo cultural se dá hoje em grande quantidade através de uma convergência midiática fornecendo experiências através de sistemas de representação da cultura e no processo de aprendizagem através da vida. Dessa forma, a indústria criativa se torna hoje uma importante área no campo da mídia-educação para compreender como se constitui a literacia midiática, principalmente no âmbito da formação da identidade, do imaginário, da cidadania e da educação.

Segundo Manuel Pinto (2000, p. 38), citando Siverstone em que diz:

Não são apenas as mensagens mediáticas que são objecto de apropriação; também as tecnologias podem ser diferentemente apropriadas e utilizadas. Impõe-se, assim, uma abordagem analítica que não só tenha em conta as derivas decorrentes da mitificação da técnica, mas que seja também capaz de dar conta das representações e dos usos sociais a que ela dá origem. Ou seja, impõe-se que a tecnologia seja considerada não apenas como um objecto ou conjunto de objectos, mas igualmente como um <<texto>>.

Segundo Maria Luiza Belloni (2007) “os jovens em sua maioria, consideram que aprenderam algo importante e sério pela televisão. Para eles a telinha tem uma legitimidade, como fonte de saber, semelhante à da escola”. Da mesma forma as crianças vão incorporando as imagens e os modelos transmitidos pela TV.

Para Sara Pereira, as crianças podem aprender com a TV. O importante é ajudá-las a gerir o tempo e a forma de consumo diversificando e orientando a programação e as outras atividades da vida. Cabendo à família a decisão da programação mais adequada à criança. Devendo para isso “explicar para as crianças a decisão tomada e levá-las a compreender que a preocupação é com seu bem-estar” (2009, p.08).

Já Maria Luíza Belloni (2007) diz que a inter-relação comunicação e educação vem apontando para a emergência de um campo de intervenção social caracterizado por oferecer um suporte teórico-metodológico que permite compreender a importância da ação comunicativa tanto para o convívio humano, a produção do conhecimento, bem como para a elaboração e implementação de projetos colaborativos de mudanças sociais.

A crise de paradigma na educação - gerado a partir do surgimento das novas tecnologias e de uma nova demanda social por uma formação mais autônoma e crítica e mais condizente com o atual momento de evolução da sociedade - nos leva a pensar que o pro-

blema não está na no uso das tecnologias na educação, mas sim, na forma, em como se pode utiliza-las para o desenvolvimento da autonomia e da criatividade.

Para Ramos (2005), a exposição a diferentes pontos de vista torna a aprendizagem mais rica que a exposição a uma visão única, a do professor já que o conhecimento é socialmente construído através de um processo de negociação e interação com outros e com a sua compreensão dos fatos.

É nesse sentido que a perspectiva da educomunicação vem tentar diminuir o abismo entre as gerações de educandos e educadores. Através das intervenções educacionais propostas pela disciplina nas escolas de educação formal vamos fazendo propostas, ampliando as discussões sobre o âmbito Educação-comunicação-tecnologias e aplicando projetos que possibilitam uma maior liberdade no processo de ensinar-aprender-pesquisar.

Os impactos da relação da mídia na educação penetram em um meio inter e transdisciplinar dos estudos da educação e suas interfaces com a comunicação, a cultura, as mídias, tecnologia e as práticas educacionais, colocando à disposição dos educadores e educandos uma multiplicidade de meios para ajudar no processo educativo.

A disciplina Comunicação nos Espaços de Comunicação Formal tem como objetivo mapear as práticas educacionais que estão sendo desenvolvida em ambientes educativos tais como: escolas entre outras instituições que lidam com a educação formal, bem como, explorar o potencial das tecnologias e da comunicação na aprendizagem, planejar e elaborar estratégias de integração dos meios de comunicação e mapear as práticas educacionais. Pois existe uma necessidade de diálogo entre linguagens e conteúdo das mídias e as práticas educacionais críticas, da escola como mediadora e espaço de leitura crítica.

A disciplina vem contribuir, através de uma abordagem interdisciplinar integrada, para ampliar e agregar diferentes áreas de conhecimento - como a educação, a comunicação, e a tecnologia - para discutir novas formas de abordagem do campo midiático dentro do espaço da educação formal.

As pesquisas na área vem crescendo em número e qualidade ao redor do mundo. Manter o olhar aguçado de pesquisador nas mudanças sociais e nas novas possibilidades de abordagens no processo de educação faz parte do nosso objetivo enquanto pesquisadores e professores, de um curso inovador que tem como objetivo formar um profissional com capacidade crítica enquanto agente de transformação social.

Ao longo do processo os alunos da disciplina – Comunicação nos Espaços de Educação Formal - têm uma intensa experiência dialogando a teoria com a práxis educacional, a partir dos temas discutidos em sala de aula e realizados em intervenções no ambiente

escolar, interagindo com diversos atores sociais, como professores, alunos, diretores, coordenadores, secretários de educação, pais e comunidade. Construindo um ecossistema comunicativo transformador, semeador de mudanças na construção de um novo paradigma no processo de ensino-aprendizagem, voltado para desenvolvimento de uma visão inovadora, crítica e participativa daqueles impactados pelas suas ações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLONI, Maria Luíza. **Infância, mídias e educação: revisitando o conceito de socialização**. Revista Perspectiva, Santa Catarina, Brasil. v. 25, n. 1 (2007) disponível em www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva_2007_01/5-Maria%20Luiza.pdf, acessado em 03 de março de 2015.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2003. – (Ensaio Latino-americanos I)

CITELLI, Adilson Odair & COSTA, Maria Cristina C. (orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. – São Paulo: Paulinas, 2011.

CITELLI, Adilson Odair. **Comunicação e educação: a linguagem em movimento**. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

CITELLI, Adílson. **Comunicação e educação**. São Paulo: Senac, 2004.

FREINET, Célestin. **O Texto Livre**. 2a ed. Lisboa: Dina Livro, 1976.

FREINET, Célestin. **Pedagogia do Bom Senso**. 7a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FREINET, Célestin. **Técnicas Freinetianas da Escola Moderna**. 4a ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MORAN, José Manoel. **Leituras dos meios de comunicação**. São Paulo: Poncast, 1993.

OROZCO. Gómez, Guillermo. **Educação: recepção midiática, aprendizagem, cidadania**. São Paulo: paulinas, 2014.

PEREIRA, Sara, PEREIRA, Luís e PINTO, Manuel. **Como TVer**. Braga, Edumedia. 2009.

PINTO, Manuel. **A televisão no cotidiano das crianças**. Porto: Edições Afrontamento. 2000.

RAMOS, M. A. (2005). **Crianças, Tecnologias e Aprendizagem: contributo para uma teoria substantiva**. In B. D. Silva & L. S. Almeida (Coord.), Atas do VIII Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia (pp. 3709-3724). Braga: CIEEd. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/33825> acessado em outubro de 2015.

SANTO CAOS. **Do Giz ao Tablet: por que a tecnologia não revolucionou a educação**. Acessado em novembro de 2015, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ozpEMQ-5niUA>. 2015.

SOARES, Ismar de Oliveira. A ECA/USP e a Educomunicação: a consolidação de um conceito em dezoito anos de trabalho. In **Revista Comunicação e Educação**. São Paulo: ECA/USP Paulinas, ano XII, n.2, maio/agosto de 2007, p. 39-52.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SOARES, Ismar de O. **Gestão Comunicativa e Educação: caminhos da Educomunicação**. Comunicação & Sociedade. São Paulo, n. 23, p.16-25, jan./abr. 2002.